

Delfim diz ao FMI que não

aceita aperto monetário

O GLOBO - Terça-feira, 7/8/84

ECONOMIA • 19

BRASÍLIA — O Governo acredita que um novo aperto na política monetária do País só servirá para aprofundar a recessão econômica e não conseguirá reduzir a inflação. Essa avaliação foi feita pelo Ministro do Planejamento, Delfim Netto, em sua longa conversa com o Diretor-Gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI), Jacques de Larosière, e a direção técnica da instituição, semana passada nos Estados Unidos, revelaram ontem técnicos que participaram da missão brasileira.



DELFIN

Embora não tenha dito formalmente, Delfim Netto deixou implícito que o Governo não aceita um novo aperto monetário, pois a inflação mesmo com as medidas já adotadas, continua na casa dos 200 por cento em 12 meses. As fontes informaram que, durante as discussões, ficou evidente a divergência de enfoque sobre as causas do elevado índice de preços no Brasil. Enquanto os técnicos do FMI continuam afirmando que a inflação é de demanda — e com isso receitam mais restrições monetárias — os representantes

brasileiros defenderam a tese de que existe um componente de custo, além da indexação geral da economia, que impede a queda acentuada dos preços.

O componente de custos na inflação é representado, segundo a análise brasileira, pela "agressiva política cambial", que vincula as desvalorizações do cruzeiro ao Índice Geral de Preços — Disponibilidade Interna (IGP-DI), utilizado pela Fundação Getúlio Vargas para medir a inflação.

Os representantes do Brasil chegaram também, segundo as fontes, a apontar a retomada do crescimento econômico como caminho para a redução da inflação, baseados na hipótese de que uma elevação da produção poderia diminuir os custos e, em consequência, baixar os preços.

Embora o Governo tenha defendido a revisão da meta de 50 por cento para a expansão da base monetária (emissão primária da moeda) e dos meios de pagamentos (depósitos à vista nos bancos e dinheiro em poder do público), não se chegou a definir com o FMI novos parâmetros para a política monetária no segundo semestre. O no round dessa discussão ficou para ser travado com a missão do FMI, que chega ao Brasil na próxima segunda-feira.